

Uma crítica à verticalidade em Winnicott e Ferenczi

A critique of verticality in Ferenczi and Winnicott

Helia Maria Oliveira da Costa Borges

Resumo

Este artigo evidencia a contemporaneidade de Winnicott e Ferenczi no cenário da psicanálise atual por se colocarem – através de seus textos teóricos e clínicos – fora da lógica de oposição à diferença, característica das relações exercidas pelo poder hegemônico. Esses autores evidenciam a importância do ambiente e da corporeidade na produção de subjetividades. Podemos apreender, através de seus textos, uma elaboração crítica aos modos de exercício de poder que se realizam nas sociedades de psicanálise, ao reproduzirem modelos verticais que deem conta do sujeito. Nessa mesma direção, a identificação com o agressor, ideia formulada por Ferenczi, aborda com maestria o sofrimento psíquico do homem moderno enredado em práticas fascistas que, ao subjetivar-se pela violência, reproduz a lógica do colonizador de modo a sustentar o estado de coisas. Winnicott e Ferenczi ressaltam na clínica o campo dos afetos, das sensações confrontando a lógica do significante estruturado no modelo discursivo-interpretante da psicanálise.

Palavras-chave

Winnicott; Ferenczi; verticalidade.

Abstract

This article highlights the contemporaneity of Ferenczi and Winnicott in psychoanalytic scene by placing themselves – through their theoretical and clinical texts – out of the logic of opposition to difference, characteristic of relations exercised by the hegemonic power. These authors highlight the importance of the environment and corporeality in the production of subjectivities. We can grasp, through their writings, a critical elaboration to exercise modes of power that take place in the societies of psychoanalysis to reproduce vertical models that account for the subject. In the same direction, the identification with the aggressor, idea formulated by Ferenczi, masterfully addresses the psychological suffering of modern man entangled in fascist practices that, being subjected by violence, reproduces the logic of the colonizer to sustain the state of affairs. Ferenczi and Winnicott stress in the clinic the field of emotions, sensations confronting the logic of the signifier structured in the discursive-interpretative model of psychoanalysis.

Keywords

Winnicott; Ferenczi; verticality.

Helia Maria Oliveira da Costa Borges

Faculdade Angel Vianna

Psicóloga, Doutora em Saúde Coletiva no IMS/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora da Faculdade Angel Vianna.

borges.helia@gmail.com

Autores que desejam fazer avançar a clínica e suas conseqüentes construções teóricas têm recorrido constantemente a Winnicott e Ferenczi, clínicos que marcaram profundamente a história da psicanálise, através de seus textos, desde o final da segunda metade do século XX. Isto se deve, principalmente pelo fato de que, além de esses dois autores trazerem em seus textos temas fundamentais para as problemáticas que se apresentam hoje, também convocam à cena analítica um campo de resistência aos modelos clínicos que amarram seus conceitos em uma visão estruturalista.

A perspectiva estruturalista, que se volta para o entendimento da psique “sob o único cajado do significante linguístico” (GUATTARI, 1990, p. 5), ainda constitui seus discípulos marcados por “centrar-se na análise do eu, na adaptação à sociedade ou na conformidade a uma ordem significante” (GUATTARI, 1990, p. 8).

Apesar das quantas críticas realizadas à redução do entendimento do sofrimento psíquico à questão do significante, continuam a se disseminar nas instituições de formação analíticas, nos consultórios privados, hospitais e universidades uma prática clínica que, se percebendo como verdadeira, se legitima como *A* psicanálise. As críticas que realiza Lacan à sociedade falocêntrica são tomadas como palavras de ordem, e numa inversão da própria teoria, o resultante é a impossibilidade do convívio com a diferença. E, por que isto ainda hoje se dá?

A teoria do inconsciente amarrada ao significante decorreu de um caminho trilhado pela psicanálise ao longo do século XX e que, ajustada ao estruturalismo, finda por perder a riqueza inaugural freudiana, transgressiva ao contexto de sua época. Ressalto, por exemplo, o apagamento das produções ligadas à perspectiva econômica que se deu nos campos teóricos da psicanálise.

O conceito de pulsão como força transformadora e impulsionadora que destaca a corporeidade em sua dimensão erótica foi deixado de lado, justamente, porque tal perspectiva – descentrando o humano do privilégio da racionalidade que lhe atribuía a superioridade na natureza – viria a confrontar o caminho tomado pela tradição do pensamento cientificista calcado na dissociação entre corpo e psiquismo.

Segundo a tradição moderna do pensamento ocidental, há uma desqualificação do corpo/corporeidade como campo de operação de signos, já que este território é onde se conjugam forças que podem desvendar novos horizontes possíveis por permitir acesso às singularidades, o que colocaria em risco o projeto realizado pelo Estado moderno.

Deleuze nos faz pensar a cultura como uma máquina de registro que incide no corpo “[u]ma máquina destinada a fazer registros, não de palavras e letras na mente, mas códigos e leis nos corpos” (BERÇU, 1972, p. 76)¹. Podemos dizer que todo processo cultural cria marcas nos corpos. Assim, retomamos o encontro com a corporeidade que já estava lá em Freud, convocando a possibilidade de acessar campos transgressores à lógica estabelecida.

Visando avançar neste campo de investigação, proponho articular certas formulações de Winnicott e Ferenczi com os achados investigativos do Grupo M/C sobre o processo de colonização/descolonização, tendo como fio condutor a inseparabilidade entre natureza e cultura. Neste sentido, diz Katz (1995), referindo-se à teia do significante:

[...] o que se faz com o sujeito humano [...] é separar o “homem” da “natureza” enquanto pura incorporeidade; e depois os homens entre si, à medida que psicóticos jamais seriam assujeitados humanos, pois estariam presos ao corpo... corporal. Freud jamais aceitou tal “diferença”, que ele deixava para os *anagógicos*, os que pensam desde a elevação da alma (KATZ, 1995, p. 110).

1

“une machine qui fait enregistrer non des lettres et des mots par l'esprit, mais des codes et des lois par les corps”.

Convoco o leitor para uma reflexão crítica sobre certa psicanálise que tem na representação sua referência, retomando o Freud transgressor à lógica de sua época, ao pensar a inseparabilidade entre natureza e cultura, entre o psíquico e o somático, via questão econômica.

A questão econômica vem sendo excluída por uma lógica psicanalítica que se realiza na negação do humano como natureza, tendo como referência o projeto iluminista em que se constituiu a modernidade, projeto este pautado em uma tradição que separa corpo de razão e que, desqualificando a corporeidade, se conjuga atrelado a uma perspectiva patriarcal/fálico/capitalista/colonial/eurocêntrica.

No sentido de retomar etologicamente o saber da psicanálise, como nos diz Chaim Katz (1995), buscamos problematizar o modo como se constituiu e se constitui a psicanálise nos dias atuais, em que ainda impera uma clínica que se ocupa das relações de poder/saber.

A clínica psicanalítica majoritária no Brasil pouco investiga, preferindo se exercer, sem controle, em nome de *A Ética da Psicanálise*, entre os jovens psicólogos e psiquiatras, e também nas cidades de tamanho médio. A quem atingem com seu efeito modernizador, facilitado por uma série de esquemas e diagramas, numa espécie de inversão das dificuldades freudianas. (KATZ, 1995, p. 110).

Esta crítica de Katz (1995), passados exatamente 20 anos, continua fortemente presente e dimensiona a captura que se exerce pelos poderes constituídos, através do discurso colonizador oriundo de certas práticas que geram associações hegemônicas e combativas às diferenças singulares no exercício da clínica e consequente produção teórica. Ainda hoje, a psicanálise em geral se organiza de modo a se tornar:

[...] um elemento sério, uma ferramenta de respeitabilidade científica, sobre o qual as políticas dos modos de pensar e as instituições são instaladas, com os poderes, as supervisões, as validações, os mestres, os alunos, uma maneira certa e uma errada de pensar, de fazer, e de o dizer (GRIBINSKI, 2013, p. 25).²

Na crítica ao fazer reducionista da psicanálise, encontramos ressonância em questões e ideias trazidas sobre o modo como se constitui o sujeito moderno e pós-moderno, pela leitura *decolonial* (Grupo M/C) proveniente de produções contemporâneas nas ciências sociais, críticas ao modelo capitalista colonial/moderno. Contribuições que reafirmam o que já se colocava como proposição estética em Deleuze e Guattari nos anos 70/80, ao anunciarem a produção do sujeito moderno atravessado pelos fluxos das forças histórico-mundiais. E esses autores, a partir da noção de inconsciente maquínico, argumentam a favor de um inconsciente que se produziria, não em uma interioridade psíquica sustentada no drama edípico (CF. DELEUZE & GUATTARI, 1972), mas através de uma contínua fricção com o Fora, em que o mundo atravessa o sujeito com seus fluxos e é constitutivo da corporeidade.

Como tratar esta questão se não convocando contribuições atuais críticas ao modo de produção do sujeito a partir da lógica binária, e que se realiza em uma repetição de modelos como colonizador, onde a reação se engendra na oposição, reforçando seus poderes? Portanto, não é ideia deste texto buscar um caminho de oposição ao modelo de clínica psicanalítica e seus construtos teóricos que vêm sendo disseminados e legitimados como a verdadeira psicanálise; mas abrir espaço para uma interlocução. Ou seja, não a partir de um discurso marginal em oposição ao estabelecido, reproduzindo o modelo colonizado/descolonizado, e sim levar em conta

2

“un element sérieux, un outil de la respectabilité scientifique, sur lequel des politiques de la pensée et d’institutions se sont installées, avec des pouvoirs, des contrôles, des validations, des maîtres, des élèves, une bonne et une mauvaise manière de penser, de faire, et de le dire”.

uma produção importante que se coloca na fronteira, em uma perspectiva transgressiva à lógica dominante que poderá resgatar espaços na clínica e, conseqüentemente, na teoria, para que potências singulares se manifestem em seus rearranjos sempre inaugurais.

No texto de Ballestrin (2013), os estudos desenvolvidos pelo grupo de investigação, majoritariamente latino-americano, denominado Grupo M/C, conduzem argumentações em relação às proposições de alguns autores que refletiram e refletem sobre os modos de produção do sujeito contemporâneo, pautados na oposição colonizado/descolonizado.

Esse grupo discute o colonialismo e nos propõe que este se dá a partir de uma matriz do entrelaçamento de níveis de controle: controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento. Constitui, portanto, “uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser” (BALLESTRIN, 2013, p. 100), em que suas práticas se realizam na lógica colonizador/bárbaro, na qual os bárbaros devem se submeter à lógica do colonizador, e este, situado no modelo colonial/patriarcal/fálico/eurocêntrico/capitalista, submete o outro colonizado sob as formas mais variadas de exercício de poder que vão desde ações macroscópicas às microscópicas.

Nesta linha de pensamento, a autora nos convoca a nos aproximarmos da própria produção do conhecimento pautado na negação de elementos que sustentam a percepção, nos dizendo que:

A diferença colonial epistêmica é cúmplice do universalismo, sexismo e racismo. Nesse debate, agregou-se a noção do filósofo colombiano Castro-Gómez de “*hybris del punto cero*” (Castro-Gómez, 2005c). O “ponto zero” é um ponto de partida de observação, supostamente neutro e absoluto, no qual a linguagem científica desde o Iluminismo assume-se “como a mais perfeita de todas as linguagens humanas” e que reflete “a mais pura estrutura universal da razão” (Castro-Gómez, 2005c, p. 14). A lógica do “ponto zero” é eurocentrada e “presume a totalização da gnose ocidental, fundada no grego, no latim e nas seis línguas²⁰ modernas imperiais europeias” (Mignolo, 2007b, p. 29). Ela funda e sustenta a razão imperial (BALLESTRIN, 2013, p. 104).

E a autora complementa, a partir de uma citação de Grodsfoquel:

Trata-se, então, de uma filosofia na qual o sujeito epistêmico não tem sexualidade, gênero, etnia, raça, classe, espiritualidade, língua, nem localização epistêmica em nenhuma relação de poder, e produz a verdade desde um monólogo interior consigo mesmo, sem relação com ninguém fora de si. Isto é, trata-se de uma filosofia surda, sem rosto e sem força de gravidade. O sujeito sem rosto flutua pelos céus sem ser determinado por nada nem por ninguém [...]. Será assumida pelas ciências humanas a partir do século XIX como a epistemologia da neutralidade axiológica e da objetividade empírica do sujeito que produz conhecimento científico (GRODSFOGUEL apud BALLESTRIN, 2013, p. 104).

Este é ainda o eixo por onde se desenrolam as produções majoritárias de uma prática analítica. Sobre esta questão, ressalto que a aproximação da proposta decolonial se determina visando à problematização de pressupostos que foram e são utilizados por uma prática burguesa da psicanálise que se organiza no modelo do colonizador. A proposta do Grupo M/C oferece um percurso para pensar a produção de autores da psicanálise como Winnicott e Ferenczi, no sentido de ressaltar a característica de construção fronteira, de limiar em que esses autores se colocam em relação à psicanálise oficial de sua época.

O modo decolonial de investigação, portanto, se orienta como um lugar de fronteira, pois não tomando nenhuma posição política de direita ou esquerda, é contra-hegemônica, na medida em que sua proposta se coaduna com que Ballestrin nos diz:

A trans-modernidade de Dussel propicia “a pluriversalidade como projeto universal” [...]. Desprendimento, abertura, de-linking, desobediência, vigilância e suspeição epistêmicas são estratégias para a decolonização, decolonização ou descolonização epistemológica. (BALLESTRIN, 2013, p. 108).

Refletimos aqui, portanto, sobre uma prática psicanalítica em que seja possível sair de uma oposição ou contraposição ao modelo hegemônico da clínica majoritária, a fim de propiciar mecanismos de impulsionamento a propostas inaugurais, já que fazer clínica é matéria sempre inaugural. Neste sentido, a lógica de oposição funciona como mantenedora dos processos de colonização do pensamento, pois se sustenta em novos fundamentos e verdades sobre o sujeito, impedindo a emergência de conteúdos singulares.

Dentro desta perspectiva, a questão de Guattari que continua *ainda* aí colocada “seriam os modelos de inconsciente, propostos no ‘mercado’ da psicanálise, convenientes às condições atuais de produção de subjetividade?” (GUATTARI, 1990, p. 8). Neste sentido, Ferenczi contribui para um fazer analítico operando uma rebeldia ao projeto hegemônico da psicanálise e, a partir de suas proposições afetivas, ou seja, valorizando o campo do encontro entre analista e paciente, faz saltar as composições imanentes que povoam o espaço clínico.

Suas contribuições fazem valer aspectos fundamentais da prática clínica em que o analista não se coloca como colonizador implicando seus conteúdos ideativos ao outro, mas, justamente, uma clínica que se realiza pelo encontro, na medida em que são os campos de afecção, que se manifestam via corporeidade, aqueles que oferecem os novos percursos para atingir um saber que pode produzir desvio ao instituído.

A elasticidade da clínica: cada relação convoca um modo singular; o “tato” do analista: o sentir com o paciente, a capacidade empática – são temas que percorrem toda a obra de Ferenczi desde seus primeiros escritos e, assim como o controle do narcisismo do analista, são questões para ele fundamentais, que podem viabilizar ou inviabilizar a clínica analítica.

Ferenczi buscava compreender sempre mais e melhor, nunca parou de insistir que não são os doentes que devem ser selecionados em função de sua analisabilidade com a técnica analítica existente, mas que é esta técnica analítica que deve ser modificada, adaptada, desenvolvida em função da necessidade dos doentes (DOUPONT, 1982, p. 26).³

Para dialogar com Ferenczi sobre uma prática psicanalítica que se organiza de forma verticalizada e que exclui a condição sensível do sujeito de seu entendimento, selecionamos três textos do conjunto de artigos em que o autor trabalha, mais especificamente, a noção do trauma. São eles: “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929), “A análise de crianças com adultos” (1931) e “Confusão de língua entre os adultos e as crianças” (1933). Nesses textos, Ferenczi não só colocará em questão a ideia freudiana do caráter endógeno do trauma, reafirmando a importância das experiências vividas no ambiente, como também, através de suas argumentações sobre os casos clínicos apresentados, revela sua posição crítica frente às relações de poder estabelecidas entre analista e seus pacientes, incluindo a esfera da transferência como um campo valioso para o trabalho analítico, mas extremamente vulnerável à violência interpretante que exclui o outro do seu próprio campo perceptivo.

3

“Ferenczi cherchait à comprendre toujours et mieux: il n’a jamais cessé d’insister que ce n’étaient pas les malades qui devaient être sélectionnés en fonction de leur analysabilité avec la technique analytique existante, mais c’était cette technique qui devait être modifiée, adaptée, développée, en fonction des besoins des malades”.

Assim, Ferenczi denuncia o caminho que havia sido tomado por alguns analistas ao estimularem uma posição passiva em seus analisandos, retirando destes sua capacidade aloplástica em transformar ativamente suas vidas e, a partir das situações traumáticas revividas em análise, constituir novas possibilidades existenciais.

Ainda em relação às considerações feitas por esse autor em relação ao trauma, ressaltamos que o encontro que Ferenczi manteve com a teoria da sexualidade é evidenciado pelo corpo erógeno – tendo em vista a questão econômica, como eixo no qual se inscreveriam os processos de constituição do sujeito. Um corpo sensível atravessado pelas forças intensivas do mundo interior e exterior, realizado pelas trocas entre o fora e o dentro, campo constituinte que se atualiza no entre dos encontros, favorecedores de composições ou de decomposições.

Já nos seus primeiros textos entre 1899-1906, constrói-se, como fio condutor, um pensamento crítico a uma prática psicanalítica que ainda estava iniciando seus primeiros passos. Ferenczi aponta para a compreensão do mundo subjetivo como resultante de um processo realizado no imbricamento necessário do sujeito com o meio ambiente. São textos que estão referidos ao trabalho clínico comprometido com o sofrimento humano, evidenciando as ligações subjetivas de reciprocidade que deveriam existir entre o médico, a sociedade e a doença. Assim, as questões clínicas e críticas sobre estes aspectos sociais, médicos e a própria doença como era vista na época, desnaturalizam os estados patológicos percebidos como monstruosidades, degenerescências.

Portanto, 1899 é o ano em que Ferenczi inicia sua tarefa de abordar a face interna do sofrimento humano no lugar de sua materialidade mecânica. Abandona o campo objetivante da medicina instituída e, em busca de novas terapêuticas, coloca em questão a objetividade da ciência médica, valorizando elementos mais sutis como a dimensão do mundo subjetivo.

Sua atualidade se deve, principalmente, aos impasses de uma psicanálise que, na busca pelo ideal científico, colocou de lado o sujeito e sua relação imediata com a cultura, comprometendo-se com um saber endurecido, “purificado” visando a sua inscrição em um ambiente legitimado pelo logocentrismo. Neste sentido, da relação entre cultura e sujeito, nos seus primeiros textos, as ideias de sofrimento, de vida e de morte nos revelam um Ferenczi particularmente sensível às condições sociais na produção de patologias, denunciando as injustiças e contradições da sociedade.

Ferenczi, ressaltando a importância do ambiente na constituição do sujeito, colocará em relevo a realidade do trauma e as decorrentes consequências. No seu texto, intitulado “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1929), faz um percurso valorizando a importância dos atos realizados em direção ao outro. A dimensão ética de tal proposição revela-se com muita clareza, apontando a delicadeza dos primeiros momentos de vida. Enfatiza as condições encontradas em um ambiente receptivo para que a vida possa, em sua exuberância, desenvolver-se. Declara que os atos de abandono, mesquinha, rejeição do adulto, conscientes ou não, são percebidos pela criança e se tornam traumáticos, inscrevendo-se no psiquismo infantil. Por ser a vida vibrante, mas frágil em seus começos, Ferenczi aponta a importância de um ambiente receptivo e que a ausência de receptividade resulta em estados patológicos.

Queria apenas indicar a probabilidade do fato de que crianças acolhidas com rudeza e sem gentileza morrem fácil e voluntariamente. Utilizam um dos numerosos meios orgânicos para desaparecerem ou, se escapa, ficam certo pessimismo e desgosto da vida [...] a força vital que resiste às dificuldades da vida não é, então, muito forte no nascimento;

aparentemente ela só se reforça após a imunização progressiva contra golpes físicos e psíquicos, através de um tratamento e uma educação exercidos com tato. (FERENCZI, 1988, p. 315-316).

Ferenczi conduz nossa observação para a capacidade de elaboração e transformação da situação traumática, assim como também para o inverso, ou seja, para a condição de decomposição de um corpo que, ao ser confrontado com forças desagregadoras, se esvai. O autor evidencia, deste modo, a relação de poder exercida entre aquele que cuida e aquele que é cuidado, de forma a problematizar o exercício da relação terapêutica, chamando atenção para a importância vital de uma postura ética na clínica, a fim de que possa ser estancada a violência intrusiva.

Com a questão do trauma, o autor nos permite abordar a condição do sujeito contemporâneo em seus estados apáticos, como o mal-estar resultante do exercício de conviver em um espaço social atravessado por forças produtoras de um subjetivar-se na dessubjetivação, na culpa em ser quem se é, na vergonha de si frente à violência instaurada por ideais homogeneizantes: seja nas práticas individuais nos ideais ascéticos de um corpo-promessa, seja nas práticas populacionais pautadas no ideal de progresso, produzindo a partir daí os restos (povos ou indivíduos) considerados com indiferença.

Na conferência proferida na Associação Psicanalítica de Viena, em 6 de maio de 1931, por ocasião do aniversário de Freud, “Análise de crianças com adultos”, o autor, que se intitula o *enfant terrible* da psicanálise, dará continuidade a sua leitura sobre o abuso de poder como traumatogênico. Apresenta sua descoberta de mecanismos de autoclivagem narcísica, próximo de seu conceito de autotomia⁴, ou seja, perde-se uma parte do próprio eu, a fim de preservar a existência.

Tudo se passa verdadeiramente como se, sob a pressão de um perigo iminente, um fragmento de nós mesmos se clivasse sob instância autoperceptiva, querendo vir em sua própria ajuda, e isto talvez desde a primeira, ou primeiríssima infância. Pois todos sabemos que as crianças que sofreram muito, moral e fisicamente adquirem traços fisionômicos da idade e da sabedoria. Têm também tendência a envolver matematicamente os outros; manifestadamente estendem assim a estes os conhecimentos, penosamente adquiridos pelo tratamento, de seu próprio sofrimento [...] nem todos levam tão longe o domínio de sua própria dor, alguns permanecem fixados na auto-observação e na hipocondria. (FERENCZI, 1988, p. 341).

A transformação da violência sofrida pela submissão vivida em relação a um outro hostil é por Ferenczi retraduzida em corpo, e a plasticidade do organismo se encontra também aludida nesse artigo, ao nos lembrar da importância do processo transferencial, principalmente nos períodos regressivos de análise, quando o paciente revive situações traumáticas na transferência, apresentando traços de mortificação e profundo sofrimento.

O que se passa aí, diante de nossos olhos, é a reprodução da agonia psíquica e física que ocasiona uma dor incompreensível e insuportável. Observo de passagem que estes pacientes “moribundos” fornecem também informações interessantes sobre o além e a natureza do ser após a morte [...]. Palavras tranquilizadoras cheias de tato, eventualmente reforçadas por uma pressão incentivadora da mão, ou quando isto não basta, um carinho amistoso na cabeça, reduzem a reação a um nível em que o paciente volta a se tornar acessível. (FERENCZI, 1988, p. 342-343).

4

Este conceito está diretamente relacionado ao corpo e Ferenczi irá desenvolvê-lo em *Thalassa*.

Chamamos atenção para o fato de que não é só em relação aos processos de esvaziamentos vitais que Ferenczi marcará seu discurso, ao falar das manifestações sintomáticas físicas decorrentes dos traumas psíquicos, o que em si já aproxima suas reflexões sobre os sintomas atuais de desvitalização e apatias decorrentes da violência traumática. Mas é importante, ainda, colocar em relevo a questão da posituação da *posição ativa* do analista intervindo com *ações concretas*. Ferenczi, ao sustentar uma ótica transgressiva à neutralidade suposta do analista, propõe o corpo como campo de trocas visando a efeitos transformadores no tratamento.

Em “Confusão de línguas entre o adulto e a criança” (1933), o autor, trabalhando a noção do trauma, compara o efeito psíquico do choque como um anestésico, como um aniquilamento do sentimento de si, na incapacidade de reagir, de agir ou de pensar, com vistas a defender o si mesmo. Coloca também em relevo a noção do desmentido. Esta noção tem importância capital na medida em que é na afirmação do adulto, de que o que foi vivido não existiu, a mentira, o que torna patogênico o traumatismo.

Nestas argumentações, fica bastante evidente que o autor está não só avaliando as consequências psíquicas de traumas entre adultos e crianças, mas está colocando em cena as violências cometidas por analistas nos tratamentos, seja pelos desmentidos, na *hipocrisia profissional* (FERENCZI, 1988, p. 349), no que se refere a neutralidade do analista e sua postura de domínio da cena analítica, encarnando o lugar do poder, seja no efeito que o exercício de poder opera no psiquismo do paciente, que, prisioneiro de um processo transferencial abusivo, deixa de saber de si mesmo, anulando seu sentimento de si mesmo. Desta forma, Ferenczi percebe o lugar do analista como lugar potencialmente traumático.

O desmentido entra como uma proposta para pensar os efeitos, seja da sedução, na insinuação; seja na intimidação, no medo oriundo da palavra mentirosa, da falta de palavras ou da distorção da realidade mais elementar. A sedução, segundo o mesmo autor, é um desvio, é uma deturpação do desejo da criança pelo adulto. Por trás do encanto da pessoa sedutora, que visa a ser o objeto do desejo do outro, existem o risco, o drama do despertar das seduções traumatizantes no correr da transferência analítica.

Nesse texto, Ferenczi denuncia a hipocrisia instalada na relação analítica em que os analistas, sustentados no dispositivo da neutralidade, justificam seu comportamento de insensibilidade, permanecendo frios frente à crise do paciente. Aponta, então, a questão da atração e da identificação da vítima com seu agressor, através do processo autoplástico de mimetismo.

Ferenczi insiste na importância de o analista sair da onipotência e aceitar o erro como o impulsionador do tratamento analítico, pois a possibilidade de o psicanalista reconhecer seu erro incrementa a confiança do paciente e rompe com a trajetória traumática do sujeito identificado com seu agressor.

A confusão de línguas que ocorre entre os adultos e as crianças se estabelece na medida em que a linguagem da criança, sendo uma linguagem de ternura, mesmo erotizada, não tem a perspectiva da consciência e do uso da sexualidade como tem o adulto. Ferenczi resolve o impasse gerado pela situação traumática sugerindo a ativação do movimento aloplástico como necessário para o rearranjo da situação traumática, mas a criança é impossibilitada de realizá-lo se houver a experiência autoplástica de identificação com o agressor, levando a uma pré-maturação ou a uma progressão patológica.

Neste ponto, chamamos atenção para a questão do processo de colonização, anteriormente abordado neste artigo. O trauma nos convoca a refletir sobre a experiência de clivagem, que tem como decorrência o

impedimento ao pensamento crítico, pois reproduz a lógica daquele que o violenta, impondo sua verdade ao outro.

A identificação com o agressor é uma estratégia de sobrevivência: como não pode "romper" com o agressor – adulto idealizado do qual depende - a criança abre mão de suas impressões, rompendo com uma parte de si. Ferenczi diz que, ante ao extremo sofrimento, como a criança é incapaz de reagir aloplasticamente, a única saída é ter uma reação autoplástica. (LEJARRAGA, 2008, p. 121).

Impossibilitado ao pensamento crítico, o sujeito se condena e se abandona. E, em um movimento de transformação subjetiva, autoplástico identifica-se à lógica perversa e se organiza através das práticas que instauram a alienação de si pelo subjugamento aos ideais daqueles que ocupam o lugar de poder, reproduzindo a mesma lógica.

Assim como Ferenczi, ocupado com as questões do ambiente nas subjetividades, Winnicott, profundamente marcado pela Segunda Guerra, nos convoca para uma prática clínica que evidencia a relação dinâmica que se dá em uma escuta que se dirige ao outro e não ao texto. Ou seja, preocupado com as sequelas do ambiente nas produções subjetivas, volta-se para as comunicações que se dão fora do campo discursivo, interpretativo, visando restituir um possível para o outro.

Em seu último livro, publicação póstuma, *A Natureza Humana* (1990), Winnicott nos aponta sua perspectiva do humano como pertencente ao domínio da natureza: “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (WINNICOTT, 1990, p. 29). Proposição enigmática, paradoxal, como são seus escritos que a princípio parecem de fácil compreensão, porém portam a complexidade característica da vida, da natureza em toda sua potência de perene transformação.

Esse autor nos lembra, já de saída, a crítica que faz Deleuze, ao trabalhar com a inseparabilidade entre homem e natureza. Crítico ao pensamento moderno em sua dissociação entre razão e sensação, Deleuze traz de volta para a experiência da vida a inseparabilidade entre cultura e a natureza que se manifesta propositora através dos corpos em sua receptividade ao mundo.

[...] não há mais distinção homem-natureza: a essência humana da natureza e a essência natural do homem identificam-se na natureza [...]. Não o homem enquanto rei da criação, mas antes aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas ou de todos os gêneros, que está carregada de estrelas e mesmo de animais [...]. Homem e natureza não são como dois termos [...], mas uma única e mesma realidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 18-19).

A ideia de recompor a natureza ao projeto humanista fere narcisicamente a perspectiva da modernidade, do homem superior, do homem das Luzes, este lugar de racionalidade adquirida como campo de diferenciação da natureza se torna obscurecido por seus dejetos, produtos de sua existência enquanto ente da natureza. Assim nos deparamos, por exemplo, com uma reação esperada ao último livro de Winnicott, que fica ostracizado no horizonte comum da psicanálise, considerado por uns quantos como um estudo “antropológico de um pediatra” (cf. ASSOUM, 2006, p. 65) sobre a clínica psicanalítica, mais do que um livro singular de um psicanalista, rebelde ao teatro psicanalítico.

Winnicott (1990) marca nesse livro o valor da infância em todos nós e questiona: como entender a natureza humana se não entender esta criança que inventa mundo, pois a natureza é pura invenção? O autor propõe uma

clínica da invenção a partir de uma disponibilidade corporal para este outro que se apresenta em seu sofrimento e impossibilidades existenciais.

Para ele, a tarefa de um analista é compreender a chance para o sujeito da vida poder fazer as coisas a seu modo, deixar agir a natureza, liberar a potência, encontrar o saber de cada qual. Não acabamos nunca de nascer, segundo o autor. O corpo do *infans* é anárquico, um feixe de vibrações, um corpo afetivo intenso; traz consigo uma vitalidade não orgânica, forças e potências imperceptíveis que podemos perceber em sua vivacidade. Uma linguagem que fala antes da palavra, *corpo-que-sabe*, proto-organismo por onde passa a vida intensiva.

Em seu texto “Estados Iniciais”, no livro *A Natureza Humana* (1990), Winnicott vai nos dar uma ideia geral do que considera a díade ambiente-indivíduo e coloca em relevo o questionamento sobre a capacidade cognitiva nos bebês antes do nascimento, propondo que a cognição se daria através de marcas mnemônicas corporais:

A única pergunta é: em que idade o ser humano começa a ter experiências? Devemos presumir que, antes do parto, o bebê já seja capaz de reter memórias corporais, pois existe uma certa quantidade de evidências de que a partir de uma data anterior ao nascimento nada daquilo que um ser humano vivencia é perdido. (WINNICOTT, 1990, p. 147).

Para esse autor, portanto, existem traços mnêmicos atravessando a vida em formação, e como processos de germinação, as marcas continuamente incidem nos corpos, individuando-nos. Por isso, para o autor, estamos sempre nascendo.

A natureza humana, é aqui compreendida como a força imanente que atravessa todos os seres, orgânicos e inorgânicos. Na produção de sua constituição como força, que vai se instalar no mundo, este existente traz informações que vão muito além do campo da representação. Experiência viva que se manifesta no corpo encarnado, campo intensivo que atravessa a matéria. A matéria enquanto força é o que produz uma vibração para determinada forma.

Ainda nesse texto Winnicott nos diz:

Sabemos que, no útero, os bebês realizam certos movimentos que, a princípio, parecem-se mais com os movimentos natatórios de um peixe. As mães dão imenso valor à atividade de seus bebês, [...] é possível presumir que as sensações começam por volta da mesma época; de um modo ou de outro, é possível – e até provável – a existência aí de uma organização central que seja normalmente capaz de perceber estas experiências. (WINNICOTT, 1990, p. 147-148).

A mãe, para esse autor, começa a sentir a existência da vida através das articulações, dos movimentos que são oriundos das articulações que faz o bebê. Modos singulares de formação, ritmos, agregados de tensões, signos que são captados pelo corpo sensível.

Segundo Deleuze, em seus comentários sobre a filosofia de Leibniz (cf. DELEUZE, 2000), a experiência de ter um corpo está necessariamente ligada ao obscuro que há em cada existente, a natureza sombria exige um corpo. Para Leibniz, cada existente ou mônada percebe de modo singular o mundo e não pode se reduzir a uma percepção clara e distinta. É por ter o obscuro que o existente é capaz de ser atravessado por miríades de pequenas percepções que não atingem o limiar da consciência. “A própria mônada se produz percebendo” (ELKAIM; STENGER, 1994, p. 47).

Ainda segundo Deleuze, Leibniz afirma que temos um corpo porque há o obscuro em nós, mas também, “é por termos uma zona clara que devemos ter um corpo” (DELEUZE, 2000, p.146). E ainda se pergunta: “como o que expresso claro e distintamente pode ter relação com meu corpo, cujos movimentos são todos conhecidos apenas obscuramente?” (DELEUZE, 2000, p. 147).

O campo simbólico é um lugar que contempla um registro semiotizado das coisas do mundo. O obscuro é o que não temos acesso pela consciência, porque a consciência é a ideia clara, o obscuro é povoado de micro-percepções. Percebemos o ruído do mar que quebra na areia, mas os micromovimentos que formam a onda, o deslocamento da água, a areia que se esvai, o movimento dos astros etc., são imperceptíveis à nossa consciência clara. No entanto, podemos acessar os múltiplos micromovimentos através das pequenas percepções que entram em relação diferencial e atravessam o corpo:

[...] como uma fome sucederia a uma saciedade, se mil pequenas fomes elementares (de sais, de açúcar, de gordura, etc.) não se desencadeassem de acordo com os ritmos diversos, despercebidos? [...] as pequenas percepções são não apenas a passagem de uma percepção, como são também os componentes de cada percepção. (DELEUZE, 2000, p. 148).

Temos, portanto, a capacidade de acessar o campo das micro-percepções, mas não pela consciência clara; por ela apenas o resultado das articulações dos micromovimentos, das micropercepções. A mãe contempla a atividade do bebê pelas sensações; o movimento do feto contempla os micromovimentos, é uma ordem crescente de acontecimentos; o bebê se desloca a partir de seu campo mnésico, constituindo-se pelas dobras, se desdobra, se redobra. As dobras do mundo são os campos de constituição do sujeito; o corpo com suas marcas se organiza singularmente, movimento a partir de uma trajetória espaço-temporal.

Trata-se de um corpo vivo e, neste limiar individuante, a comunicação não se dá através do simbólico, e sim no que o antecede. Chamaremos este campo de a-semiótico, território de germinação, processo de constituição das formas. Deleuze se pergunta: “como se passa das pequenas percepções às percepções conscientes, das percepções moleculares às percepções molares?” (DELEUZE, 2000, p.149).

A maternagem, para Winnicott, estaria nesta capacidade de poder ter acesso às micropercepções através dos movimentos dos bebês, que expressam suas marcas pelas articulações. E, ao ter contato com este *sensível-sentiente*, poder dar um sentido “ao fundo sombrio” (DELEUZE, 2000, p.148), onde as micropercepções ativam um modo de percepção.

O animal está à espreita, a alma está à espreita, significa que há sempre pequenas percepções que não se integram na percepção presente, mas que há também pequenas percepções que não se integravam na percepção precedente e nutre aquela que advém (“então era isto!”). O nível macroscópico distingue as apetições que são passagens de uma percepção à outra. (DELEUZE, 2000, p. 148).

Ainda no texto “Os Estados Iniciais”, Winnicott (1990) reafirma sua convicção de que o processo de desenvolvimento de um ser humano se dá necessariamente na relação com o ambiente, marcando a receptividade do mundo-ambiente, pois todo um movimento para vida – o continuar-a-existir-no-tempo, ou seja, *o seguir sendo* – confirma a confiança na vida e o valor da vida mesmo em sua descontinuidade.

A comunicação primária, entre o bebê e o ambiente, comunicação imanente, se realiza em uma espécie de contágio que se dá no e pelo corpo, onde atravessamentos de forças estéticas fazem a comunicação. O poder da vida é a deriva, e “a alma, o animal” (DELEUZE, 2000) ativo no artista; o bebê-artista mergulha nas pequenas percepções e as envia ao mundo.

Trabalhando nestes fragmentos das obras de Ferenczi e Winnicott, pretende-se ressaltar a importância das críticas realizadas por esses clínicos aos modos de fazer analíticos e às leituras teóricas dos textos analíticos que, tomados como palavras de ordem, reproduzem a lógica do colonizador. Os autores abordam tanto as potências outras dos múltiplos campos cognitivos a-semióticos – campos que não se restringem à comunicação simbólica, significativa – quanto se ocupam das relações de poder que se instauram nas práticas psicanalíticas, sejam elas de transmissão ou/e do próprio exercício clínico.

Aqui é importante frisar que o campo simbólico tem sido entendido no senso comum, no pensamento hegemônico, constituído a partir do representante/representação, em um campo semiotizado que exclui a formação das formas. Ressaltamos, como contraponto, as recentes contribuições de Didi Huberman (2013) sobre a produção de imagens, nas quais problematiza a redução a que foi submetido o simbólico ao ser excluído de seu campo, o caos formador.

Em seu livro *A Imagem Sobrevivente* (DIDI-HUBERMAN, 2013), o autor constrói provocações delicadas ao modo como se construiu o pensamento ocidental moderno, utilizando as elaborações realizadas pelo artista Warburg, entre o final do século XIX e começo do século XX, mostrando como um pensamento que se opunha à lógica da forma, acaba por sucumbir à necessidade de verdade e fundamento justificada pela razão. Warburg *versus* Cassirer: “Enquanto Warburg só encontrava, diante de seus objetos de estudos, *esquizes da alma*, Cassirer procurou imediatamente uma *unidade do espírito*.” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 373).

Assim, podemos dizer que uma prática colonizadora do pensamento psicanalítico, como prática de poder, se encontra associada à exclusão da corporeidade na medida em que é justamente por esta exclusão que o olhar fica impossibilitado de receptividade à alteridade. Estes são os efeitos reais de captura do campo das forças.

O campo das forças é oriundo do corpo anárquico, que se caracteriza por um feixe de vibrações, um corpo afetivo, intenso, que traz consigo uma vitalidade não orgânica, de modo a permitir expressar forças e potências imperceptíveis. Uma linguagem que fala antes da palavra.

Nossa cultura patriarcal/fálico/capitalista/colonial/eurocêntrica, que como nos diz Ballestrin (2013), se organiza a partir do entrelaçamento de níveis de controle –: controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento – por sua força de captura força o silenciamento da capacidade receptiva do corpo, minguando a chance de se afetar com as forças do mundo: forças do dentro e forças do fora. E, às custas de um movimento autoplástico, nos tornamos colonizadores, reproduzindo a lógica perversa de poder, fundamento e verdade.

A capacidade receptiva do corpo em sua plasticidade, sua capacidade de afecção pelos extratos de abertura, seria talvez o que poderia nos disponibilizar para uma escuta – de corpo inteiro – para o outro, rompendo com as modelizações opressoras, com a normatividade, que tomaram de assalto o território turbulento, desviante, instável que é a clínica psicanalítica.

Sobre o artigo

Recebido: 01/11/2014

Aceito: 10/03/2015

Referências bibliográficas

- ASSOUN, J-P. Le symptôme humais: Winnicott a-metapsychologue. In: CYSSAU, C.; VILLA, F. (Org.). **La nature humaine à l'épreuve de Winnicott**. Paris: PUF, 2006.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago. 2013.
- BERÇU, F. Sed Perseverare Diabolicum. **ARC**, n. 46, p. 71-96, maio 1972.
- BORGES, H. **Sobre o movimento: o corpo e a clínica**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2009.
- DELEUZE, G. **A Dobra Leibniz e o Barroco**. São Paulo: Papyrus, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente: história da arte tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- ELKAIM, M.; STENGER, I. Do casamento dos heterogêneos. **Rev. Chimères**, n. 21, Hiver 1994.
- FERENCZI, S. **Escritos Psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.
- FERENCZI, S. **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FERENCZI, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1991.
- FERENCZI, S. **Thalassa: psicanálise das origens da vida sexual**. Rio de Janeiro: BUP, 1967.
- FERENCZI, S.; GRODECK, G. **Correspondance 1921-1933**. Paris: Payot, 1982.
- GUATTARI, F. Linguagem, consciência e sociedade. In: LANCETTI, A. (Org.). **Saúde e Loucura 2**. 3ªed. São Paulo: Huccirec, 1990. p. 3-17.
- GRIBINSKI, M. Dans un monde qui ne ceut rien. In: CYSSAU, C.; VILLA, F. (Org.). **La nature humaine à l'épreuve de Winnicott**. Paris: PUF, 2006
- KATZ, C. Ferenczi: a 1ª teoria pulsional. In: MOURA, A. H. (Org.). **As pulsões**. São Paulo: Escuta, 2005. p. 109-118.
- LEJARRAGA, A. Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. I: **Natureza Humana**, v. 10, n. 2, p. 115-148, jul.-dez. 2008.
- WINNICOTT, D. **A natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.